

# Miss Ciclone e a Semana de Arte Moderna

Miss Ciclone and The Modern Art Week

Tereza Virginia de Almeida  
UFSC

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e94516>

## Resumo

O artigo tematiza a figura de Daisy, uma jovem normalista que frequentou uma *garçonnière* mantida por Oswald de Andrade, à Rua Libero Badaró, em São Paulo, no ano de 1918, alguns poucos anos, portanto, da Semana de Arte Moderna que aconteceu em 1922. Lá se produz um livro a várias mãos, um diário coletivo, *O Perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, que veio a ser publicado apenas na década de 1980 em edição fac-similar sendo, mais tarde, incorporado às *Obras Completas* de Oswald de Andrade. No diário, Daisy escreve sob o pseudônimo de Miss Ciclone. E acaba por se tornar o centro do livro, já que os rapazes que escrevem no livro são todos fascinados pela feminilidade misteriosa que Miss Ciclone representa. Amante de Oswald à época, Daisy vem a falecer de um aborto em 1919. O caso Miss Ciclone leva a reflexões acerca da posição das mulheres na sociedade da época e em particular às ausências de representantes femininas na Literatura na Semana de Arte Moderna. O artigo procura demonstrar como o patriarcalismo foi mais forte que as inovações que foram expostas na Semana de Arte Moderna.

Palavras-chave: modernismo brasileiro; diário-coletivo; Miss Ciclone.

## Abstract

The article thematizes the figure of Daisy, a young normalist who attended a *garçonnière* maintained by Oswald de Andrade, on Rua Libero Badaró, in São Paulo, in 1918, a few years, therefore, of the Week of Modern Art that took place in 1922. There, a book is produced by several hands, a collective diary, *O perfeito cozinheiro das almas d'este mundo*, which was only published in the 1980s in a facsimile edition and was later incorporated into the *Complete Works* of Oswald de Andrade. In the diary, Daisy writes under the pseudonym Miss Ciclone. And she ends up becoming the center of the book, as the guys who write in the book are all fascinated by the mysterious femininity that Miss Ciclone represents. Oswald's lover at the time, Daisy died of an abortion in 1919. The Miss Ciclone case leads to reflections on the position of women in society at the time and, in particular, the absence of female representatives in Literature at the Modern Art Week. The article seeks to demonstrate how patriarchy was stronger than the innovations that were exposed at the Modern Art Week. Keywords: Brazilian modernism; collective diary; Miss Ciclone.

Em 1992, na ocasião em que se celebravam os 70 anos da Semana de Arte Moderna, uma escola de samba do Rio de Janeiro, a Estácio de Sá, foi campeã do Carnaval carioca com um enredo intitulado *Pauliceia desvairada – 70 anos de Modernismo*. Para quem vê hoje o desfile no *youtube* impressionam a alegria e o entusiasmo da arquibancada diante das escolhas da escola para representar o Modernismo: uma comissão de frente composta por arlequins numa clara referência à poesia de Mario de Andrade, alas onde se encontram as icamiabas de Macunaíma, o trenzinho caipira de Villa Lobos, entre outros elementos<sup>1</sup>.

Tudo isto vi naquele ano de 1992 e me surpreendi em perceber que em uma das últimas alegorias do desfile estava a escultura *Daisy* de Victor Brecheret. Ela, entretanto, não aparecia como um busto tal como se apresentava na estátua original, mas de corpo inteiro, e multiplicada para que, de qualquer ponto da avenida, fosse possível vê-la. Assim, o contexto carnavalesco transmutou Daisy ou transmutou sua representação por Brecheret em uma peça produzida em mármore em 1920. A surpresa, porém, residia em sua própria presença em um desfile sobre o Modernismo, já que a crítica literária jamais a havia considerado como parte do movimento.

Daisy aparecia imersa nas convenções estéticas do Carnaval e lá deveria estar porque cinco anos antes, em 1987, viera a público, em edição fac-similar, um volume produzido por Oswald de Andrade e amigos entre maio e setembro de 1918: o diário coletivo intitulado *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*. O volume se abre com uma foto da escultura de Brecheret, segue-se uma página com a foto de Daisy e se fecha com um recorte de jornal que traz a notícia da morte de Daisy, cujo nome era Maria

---

1 O desfile da Escola Estácio de Sá se encontra no seguinte link (3) Estácio de Sá 1992 - Pauliceia Desvairada - YouTube

de Lourdes Pontes.

Mas, antes de explicar propriamente quem era Daisy vale voltar à questão da representação e dizer que essa edição de 1987 é prefaciada por duas figuras respeitáveis da crítica nacional, Mario da Silva Brito e Haroldo de Campos. Críticos que, em fins da década de 80, lidam com um cânone que já inclui Oswald de Andrade e sua antropofagia, esse Oswald que é uma das figuras fundamentais e necessárias da Semana de 22. Quando esse diário vier a ser publicado pela Editora Globo na década de 1990 como parte das *Obras completas* de Oswald de Andrade é a foto do escritor que estampará as primeiras páginas, não mais a escultura de Brecheret ou a foto de Daisy. Torna-se, assim, bastante curioso que Mario da Silva Brito, embora tenha observações bastante corretas a fazer sobre o livro em si, ao apresentá-lo como um diário que se torna um romance, no que tange à Daisy, esta que aqui se tematiza, repete toda a versão dos fatos dada por Oswald de Andrade em *Um homem sem profissão sob as ordens de mamãe*, suas memórias. Não há nesse prefácio introdutório nenhuma problematização em torno das palavras do poeta pau-brasil. Brito define Daisy como uma “figura estranha e fugidia, normalista e *poitrineira*”,<sup>2</sup> em total acordo com as definições de Oswald.

Daisy era, de fato, uma normalista e era a única mulher que escrevia no diário produzido em uma *garçonnière* que Oswald mantinha e onde se davam encontros entre rapazes. São eles Monteiro Lobato, Menotti del Picchia, Léo Vaz, Guilherme de Almeida, Ignácio da Costa Ferreira, Edmundo Amaral, Sarti Prado e Vicente Rao e, é claro, Oswald de Andrade. Neste universo masculino, destoava a figura de Daisy que, assim como os rapazes, escrevia sob pseudônimo. O seu era Miss Ciclone. E se Daisy tinha apenas 19 anos Miss Ciclone era uma *femme fatale* que gostava de desaparecer

---

2 BRITO, Mario da Silva. “O perfeito cozinheiro das almas deste mundo”. *In*: ANDRADE, Oswald. *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, p. IX.

misteriosamente e fazer ciúmes em Oswald com quem vivia um romance. Miss Ciclone era uma personagem de Daisy e isto pude constatar quando acessei no IEL da Unicamp o seu diário íntimo. Ali estava uma adolescente de sua idade completamente apaixonada por Oswald.

Mario da Silva Brito aponta, com razão, que está ali no diário a origem da linguagem fragmentária dos romances de Oswald como *Memórias sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande*. De fato, a experiência modernista ali se iniciava, naqueles registros do cotidiano em um volume com escritas coloridas, charges, caricaturas, colagens etc. do qual Daisy participava com suas letras em cor roxa em grafia graúda e palavras assertivas com as quais brincava com o flerte coletivo que havia no reduto em torno sua figura.

O crítico aponta que o diário “é jocoso e pilhérico no começo”, mas “vai, a pouco e pouco, crescendo em termos de inquietação, melancolia, angústia, dúvidas e suspeitas, para atingir ao final, o plano de lágrimas e do trágico com a morte da bela Ciclone, figura símbolo para o grupo de uma outra mulher que então se forjava – a mulher moderna, em busca de liberdade, de afirmação, de independência”<sup>3</sup>.

Antes deste trecho, Brito já falara do motivo da morte de Daisy. Mas, para isto, recorre à reprodução do que está posto nas memórias de Oswald. Ou seja, afirma que Oswald a seguiu até uma pensão de rapazes e que um tempo depois Daisy informa que está grávida. “De quem? Não pergunto. Ela não fala. Concordamos no aborto” é o que diz Oswald em suas memórias e o que cita Mario da Silva Brito em seu prefácio.<sup>4</sup>

O que não se diz neste prefácio é que Oswald planejava casar-se com Daisy quando se dá o ocorrido. O que não se diz é também que Oswald

---

3 *Ibidem*, p. XI.

4 ANDRADE, Oswald. Um homem sem profissão sob as ordens de mamãe, p. 132.

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

fecha suas memórias com extremo sentimento de culpa já que a opção pelo aborto se dera em função da dúvida em relação à paternidade do filho que Daisy esperava. Por um lado, portanto, Mario da Silva Brito reconhece em Daisy o perfil da mulher moderna. Por outro, não dedica qualquer palavra ao papel de Oswald em sua morte.

*O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, como já dito, vem à luz em 1987 com um segundo prefácio, o de Haroldo de Campos. Dois anos depois, Haroldo de Campos publicará *O sequestro do barroco da formação da literatura brasileira* em que critica o método de Antonio Candido quando em sua obra seminal identifica no arcadismo a origem da literatura brasileira entendida como sistema. O resultado, segundo Haroldo de Campos, é o sequestro de Gregório de Matos e do barroco. Pois é este mesmo Haroldo de Campos quem sequestra Daisy da história do modernismo brasileiro através dos epítetos que lhe atribui no prefácio. Miss Ciclone, diz ele, é a pré-Pagu da Idade Boêmia de Oswald de Andrade<sup>5</sup>. A afirmação parece indicar que, para o poeta concretista, Daisy só existe se colocada na linha biográfica de Oswald. E brilha aí como antecessora de Pagu de quem ele deve acreditar que ela já apresenta alguns traços. Uma mulher definida como pré-outra mulher. Eis o que temos. Mas Haroldo de Campos não para por aí. Ele vê semelhanças entre Daisy e Alma que em *Os condenados*, de Oswald de Andrade, é uma prostituta. E nosso poeta concretista vai adiante. Chama Alma de “Lucíola tardo-romântica” e afirma: que Daisy “assume, vivencia exasperadamente e satura um paradigma literário: o modelo romanescos das “almas de ficção” (...) Como as heroínas dos “romances de paixão” (...) “morre por amor”<sup>6</sup>.

Daisy é, assim, representada como personagem, heroína de papel, numa espécie de último suspiro do romantismo. Mas ao torná-la heroína de papel,

---

5 CAMPOS, Haroldo de. Réquiem para Miss Ciclone, musa dialógica da pré-história textual oswaldiana. In: ANDRADE, Oswald. *Ibidem*, p. XV,

6 *Ibidem*, p. XVI.

Haroldo de Campos a descorporifica, encobre a razão mais que física de sua ausência na Semana de Arte Moderna, lhe retira a possibilidade de ter tido voz, não a voz de seus escritos, mas a voz que ressoava e com a qual, tanto quanto seus companheiros, discutia literatura e criava o ambiente propício para a Semana.

Ali nas páginas daquele diário-coletivo estão a fragmentação, o chiste, a experimentação com a linguagem que funcionam como exercícios para as inovações modernistas. O par de Ciclone é Miramar embora todos os rapazes se digam encantados por ela. E Miramar sairá dali para as páginas cubofuturistas das *Memórias sentimentais*, um romance que foi publicado em 1924, mas que começou a ser composto em 1917, anteriormente ao diário.

Quando lemos com atenção *Um homem sem profissão sob as ordens de mamãe* vemos não somente a culpa oswaldiana, mas entramos em contato com alguns detalhes sobre Daisy. Oswald conta, por exemplo, que no período em que ela esteve no interior, em Cravinhos, na casa da mãe, ele a visitou. E ela o ajudou a escrever uma conferência nacionalista que ele veio a apresentar em uma cidade vizinha. Cabe assinalar que Daisy tinha 19 anos. Vale a pena ler esses fatos nas próprias palavras de Oswald: “De Deisi, que também usara o pseudônimo de Gracia Lohe, resta bem pouco, apesar de ter deixado uma difusa e numerosa literatura. Se, nas minhas peregrinações, eu não tivesse perdido as suas “memórias” inteiramente fantásticas, ela talvez tivesse sido a precursora do conto policial que hoje tão bem cultiva meu amigo Luís Coelho”<sup>7</sup>.

Estas observações me levam a crer que Daisy nada tinha de romântica e que fazia parte, de forma consistente, de toda a movimentação que antecedia a Semana de 22. Entretanto, nenhuma palavra é dita sobre ela pela crítica

---

7 ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão sob as ordens de mamãe*, p. 127.



nacional até que Oswald publique suas memórias na década de 50. E quando, finalmente, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* vem à luz, em 1987, esses dois prefácios, escritos por renomados críticos, tratam de amenizar a tragicidade da *causa mortis* de Daisy para manter a reputação de quem é central dentro do processo de canonização, Oswald de Andrade. Afinal, Daisy seria uma escritora sem obra. Cabe tratá-la como musa do poeta e como personagem

Mas o diário coletivo não é de autoria de Oswald apenas. É composto por diversos autores e são essas vozes outras que entram em coro com Oswald que vão criar a trama na qual Daisy é cantada e decantada em suas ausências. É o caráter coletivo da obra que transforma o diário em romance. Vista por este ângulo, Daisy é escritora e atriz. Ela não apenas assina como Miss Ciclone, ela atua como Ciclone, uma personagem que é uma *femme fatale*, uma mulher misteriosa que aparece e desaparece do reduto e sobre a qual escrevem todos os rapazes, não apenas Oswald.

Em 1995, defendi uma tese de doutorado na qual apresentava um exercício historiográfico tendo em vista trazer Daisy para a história do modernismo. Nas minhas reflexões dois aspectos vieram à tona. Por um lado, eu reconhecia a demanda por se compreender Daisy como parte do sistema literário, como uma agente literária. Afinal, ela exercia experimentações de escrita junto a um grupo do qual alguns nomes viriam participar da Semana. Isto se comprova através de suas incursões no diário-coletivo. Ao invés de musa pré-modernista Daisy se tornava parte constitutiva do próprio modernismo como escritora impossibilitada. Isto levando-se em conta que o Modernismo não começara na Semana, mas alguns anos antes, seja com a exposição de Anita Malfatti em 1917 seja com o início da escrita das *Memórias sentimentais de João Miramar* no mesmo ano. Por outro lado, bastava que se compreendesse a história em longa duração para que ocorresse



um processo de obscurecimento do próprio Modernismo, ligado a uma camada superficial de eventos que em nível mais profundo seria desafiada por estruturas resistentes à mudança, tais como o patriarcalismo.

Neste sentido, não é difícil observar que há um perturbador *continuum* entre as ações de Oswald que culminam com a morte de Daisy e as escolhas críticas de Mario da Silva Brito e Haroldo de Campos sessenta e oito anos depois. Esse *continuum* seria resultado da própria cultura patriarcal.

A notícia da morte de Daisy que, na verdade se chamava Maria de Lourdes Pontes está na última página d'*O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*. Ali ela se chama Maria de Lourdes Castro de Andrade, pois havia se casado com Oswald *in extremis*. Ali se informa que ela era normalista e que tinha apenas dezenove anos.

Retornemos à *garçonnière* e à Semana para lembrar que um dos frequentadores do reduto era Menotti del Picchia. Agora vejamos uma das partes do discurso de Del Picchia na Semana de Arte Moderna. Diz ele:

E a mulher? Fora a mulher-fetichê, a mulher-cocaína, a mulher-monomania, l'éternelle Madame!

Queremos uma Eva ativa, bela, prática, útil no lar e na rua, dançando o tango e datilografando uma conta corrente; aplaudindo uma noitada futurista e vaiando os tremelicantes e ridículos poetaços, inçados de termos raros como o porco-espino de cerdas.

Morra a mulher tuberculose lírica! No acampamento de nossa civilização pragmatista, a mulher é a colaboradora inteligente e solerte da batalha diuturna e voa no aeroplano, que reafirma a vitória brasileira de Santos Dumont, e cria o mecânico de amanhã, que descobrirá o aparelho destinado à conquista dos astros!<sup>8</sup>.

Além de decretar a morte da mulher, sendo ela própria uma doença da poesia, a tuberculose lírica, numa atitude que hoje chamaríamos misógina, Del Picchia destina um lugar para a mulher no mundo moderno. Ela deve

---

8 DEL PICCHIA. Menotti. A "semana" revolucionária, p. 21.

vaiar ou aplaudir da plateia os futuristas. Ela deve criar, cuidar o mecânico que descobrirá o aparelho destinado à conquista dos astros. Estão aí postos os lugares tradicionais da mulher, nos bastidores das ações masculinas e na função materna. A mulher moderna, na acepção de Del Picchia não é nem poeta ou escritora nem a própria mecânica.

Com isto compreendemos a prevalência das mulheres na Semana de Arte Moderna nas artes plásticas com Anita Malfatti, Regina Graz e Zina Aíta ou na música com Guiomar Novaes. Onde estão as mulheres escritoras da Semana? Quantas figuras femininas foram afastadas das movimentações em torno da Semana para além de Daisy?

Maria Eugenia Boaventura reuniu a crítica contemporânea à Semana, a crítica ao evento<sup>9</sup>. Minha leitura do livro me fez concluir que, embora houvesse no evento as figuras femininas nas artes plásticas e na música a crítica da época pouca atenção dava a elas, com exceção de Anita de que mais se fala talvez por ela já ter exposto os seus quadros em 1917. Neste sentido, aliás, é curioso que Mario da Silva Brito em sua *História do modernismo brasileiro* dedique um capítulo inteiro a Anita, considerando-a como antecedente da Semana de Arte Moderna. E vale sempre lembrar o quanto nesta exposição de 17 Anita foi atacada por Monteiro Lobato. Anita Malfatti é considerada por Mario da Silva Brito o estopim do Modernismo. Isto porque depois de muita relutância ela decide expor os quadros e o faz na Rua Libero Badaró no Centro de São Paulo, a mesma rua em que um ano depois Oswald manterá sua *garçonnière*. Entretanto, algum tempo depois, o escritor Monteiro Lobato escreve um artigo em que critica, de forma mordaz, as obras de Malfatti. O artigo repercute com tanta força que compradores devolvem os quadros, acordos de compras são cancelados e Malfatti se sente profundamente abalada. Afinal, Lobato havia escrito que sua obra adivinha

---

<sup>9</sup> BOAVENTURA, Maria Eugenia. 22 por 22: A Semana de arte Moderna vista por seus contemporâneos.

de paranoia ou mistificação... Ocorre que os jovens se apressam em defender Anita e em torno dela e por causa dela se harmonizam as vozes de Oswald de Andrade e Mario de Andrade. Anita será uma figura feminina na Semana de 22<sup>10</sup>.

De qualquer forma, o Modernismo brasileiro se inaugura com Anita Malfatti, no feminino, portanto. Escreve Oswald:

A exposição de Anita Malfatti, em 17, provocara o coice monumental de Monteiro Lobato, inteiramente ignaro e maldoso. Sou o único a defender timidamente Anita pelo Jornal do Comércio com iniciais. Agora em 19, encontro-a com Di, Guilherme de Almeida e outros literatos. Deisi é ainda fugidia, mas melhorou muito dos anos esquisitos do começo. Conto certo casar-me com ela. (...) <sup>11</sup>

No trecho que acabo de citar se percebe esse paralelismo no qual já se esboçam os agrupamentos em torno da Semana. Anita, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida e Daisy todos fazem parte de um mesmo período da vida de Oswald.

Da posição privilegiada em que estamos, é possível ver as representações em torno da trajetória de vida dos modernistas. Temos, portanto, a visão de Oswald em torno daqueles anos que antecedem a Semana e todos os anos posteriores. Oswald escreve suas memórias na década de 50 e nelas não chega até a Semana de Arte Moderna. Talvez planejasse fazê-lo e foi impedido por sua própria morte em 1954. O fato é que *Um homem sem profissão sob as ordens de mamãe* se fecha com a morte de Daisy e a declaração de culpa de Oswald. Escreve ele: “A que encontrei, enfim, para ser toda minha, meu ciúme matou”<sup>12</sup>. Ele sabe àquela altura da década de 50 que sua ação, ao

---

10 BRITO, Mario da Silva. História do modernismo brasileiro I; antecedentes da Semana de Arte Moderna, p. 40-72.

11 ANDRADE, Oswald de. Um homem sem profissão sob as ordens de mamãe, p. 131.

12 *Ibidem*, p. 133.

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

proponer o aborto a Daisy, se deve tão somente a sua dúvida e esta diz respeito ao valor do lugar do pai, a seu pertencimento a uma cultura patriarcal. Em 1928 Oswald já havia defendido o retorno ao Matriarcado de Pindorama em seu Manifesto Antropófago. Mas é na década e 50, ou seja, nos tempos de suas memórias, no fim de sua vida, que o escritor retoma a proposta do Matriarcado de forma mais consistente. Oswald apresenta uma tese para concorrer a uma cadeira na USP. Uma tese que se intitula *A crise da filosofia messiânica*, texto de 1950, no qual, tal como diz Oswald retorna às ideias antropófagas de seu manifesto de 1928.

O fato é que nessa tese Oswald critica o patriarcado e demanda mais estudos sobre o tema do matriarcado. Escreve Oswald:

O volume recente de Claude Lévi-Strauss sobre as estruturas de parentesco esgota o assunto. No entanto, o antigo professor da Universidade de São Paulo atinge apenas as recuadas fronteiras do Patriarcado. Assim, inicia ele o seu volume estudando o fenômeno primitivo da retribuição. E na retribuição, a mulher como dádiva. Trata-se, portanto, de um estado adiantado de escravidão patriarcal que ele focaliza, no qual a mulher é considerada um simples objeto. Só uma paleontologia social possibilitaria a restauração e o estudo das estruturas matriarcais desaparecidas<sup>13</sup>.

Oswald segue demonstrando como o Patriarcado está representado em vários textos da cultura ocidental até propor que se anuncia uma nova sociedade, a do homem natural tecnizado a quem a tecnologia permitiu livrar-se do trabalho para realizar sua verdadeira vocação lúdica. E afirma ao fim: “Que um novo Matriarcado se anuncia com suas formas de expressão e realidade social, que são: o filho de direito materno, a propriedade comum do solo e o Estado sem classes, ou a ausência do Estado”<sup>14</sup>.

---

13 ANDRADE, Oswald. A utopia antropofágica, p. 111.

14 *Ibidem*, p. 146.

Como se vê, essa defesa do Matriarcado, que alguns chamam de sociedade matrilinear, é muito determinante na trajetória de Oswald de Andrade. Minha hipótese é que seu percurso de pensamento tenha sido uma elaboração lenta, porém conseqüente, do evento com Daisy. É sua culpa que está retrabalhada até chegar numa proposta que elimina totalmente a figura do *pater familias*, em nome do qual ele falara e falhara em 1919.

Passados 100 anos da Semana de Arte Moderna é possível perceber que essa reunião de escritores e artistas tem uma função primordial como data delimitadora do Modernismo, como criadora de um divisor de águas pois ali se expressa um coletivo em torno da renovação das artes no Brasil.

Entretanto, a Semana está longe de ser um evento que permita compreender o Modernismo em sua totalidade.

Considero que dois eventos ocorridos na Rua Libero Badaró em São Paulo são já eventos modernistas: a exposição de Anita Malfatti em 1917 e o diário coletivo *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* em 1918.

No que tange à exposição de Malfatti basta que se veja que um dos quadros que ela expõe na Semana ela já havia exposto em 1917: *O Homem Amarelo*. Isto só pode querer dizer que ela considerava fazer arte moderna já em 1917.

Já *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* impressiona ao se apresentar como obra-processo, composta de fragmentos que, unidos, formam um inusitado romance. Ali estão a afirmação radical do presente, os estilhaços da guerra, junto às caricaturas de Ferrignac, às grafias em cores, os chistes, os trocadilhos, tudo perpassado por uma aura de fugacidade que paira entre os múltiplos pseudônimos. Como deixar fora do modernismo este livro que tem alguém com o pseudônimo Ciclone em seu centro. Pois é a ansiedade em torno do feminino que se expressa naquela paixão coletiva

por Daisy. O acolhimento de Daisy na *garçonnière* registrada no diário coloca o volume muito à frente das palavras de Del Picchia em sua conferência na Semana.

A Semana representa sim a consciência de seus participantes de que desejavam a renovação estética. Mas antes da ideia da Semana tínhamos já a arte moderna surgindo em várias manifestações. Quando os que escreviam *n'O perfeito cozinheiro* acreditavam estar apenas registrando o cotidiano eles estavam fazendo arte moderna, uma arte na qual nem Oswald de Andrade acreditava, pois o diário só foi publicado décadas após sua morte.

O gesto de Haroldo de Campos é o de anexar o diário ao cânone oswaldiano, mas deixando claro que a peça pertence ao pré-modernismo, ao pós-romantismo ou a algum ismo que garanta que a morte de Daisy aconteça mais uma vez, agora para o modernismo. Em direção oposta, cem anos depois, quero Daisy ou Miss Ciclone muito viva como uma ausência na Semana, na qual certamente ela estaria não fosse a moral vigente então.

No diário, há este trecho em que Daisy se dirige a Oswald:

Para o meu companheiro  
9 horas...partimos os dois pela manhã, franjada ainda de nevoeiros  
húmidos. E o céu tão alto...e tão azul! E a paisagem que nos corria  
a beira o auto, tinha espanejamentos bruscos de vida e a cidade ao  
longe, batida de somnolencia era como esses desenhos a cores,  
que um papel de seda encobre por inteiro. E a capelinha clara  
que assombrava com seu traço o cenário de luz, se desfazendo de  
nevoa, surgiu radiosa e linda, a nos ditar na magestade real todo  
um poema de unção e de verdade.  
Cyclone<sup>15</sup>

Há, aí, sem dúvida, o cuidado com a linguagem, o esmero na criação de imagens, típicas de uma escritora. Mas há também, em sua plasticidade, a presença tanto do impressionismo, na cena encoberta pela névoa, quanto

---

15 ANDRADE, Oswald.de. O perfeito cozinheiro das almas deste mundo, p. 108.

da modernidade expressa pela presença simultânea do automóvel e dos “espaneamentos bruscos de vida” que lhe correm à beira e que surgem como imagens da velocidade. Esta, por sua vez, contrasta com a imagem da capelinha que fecha o trecho. O arcaico e o moderno, portanto, se colocam nesta cena em que Daisy rememora um momento com o futuro poeta paulista.

Tomo o fragmento, escrito em 27 de julho de 1918, como metonímia da obra invisível que Daisy nos legou. Aí está uma escritora no limiar de concepções estéticas distintas. Uma capela a ditar um poema, mas que se vê distante porque a velocidade do automóvel se faz presente. A tradição e a modernidade que se coabitam.

O poema como um todo funciona como uma alegoria da posição de Daisy na história da literatura brasileira. De um lado, vemos ao longe aqueles que a prendem ao passado do modernismo. De outro, aquelas que como eu a veem sair deste automóvel para ocupar seu lugar na Semana de Arte Moderna.

## Referências

ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. 2.ed., São Paulo, Globo, 1995.

ANDRADE, Oswald de. *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*. São Paulo, Globo, 1992.

ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão sob as ordens de mamãe*. 2.ed., São Paulo, Globo, 1990.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. *22 por 22: A Semana de arte Moderna vista por seus contemporâneos*. 2.ed., São Paulo, Edusp, 2008.



v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

BRITO, Mario da Silva. *História do modernismo brasileiro I: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

DEL PICCHIA, Menotti. *A “semana revolucionária”*. Organização de Jácomo Mandatto. Campinas, Pontes, 1992.

Submissão: 21/05/2023  
Aceite: 28/06/2023

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e94516>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*